

Ruffato, Luiz. *Eles eram muito cavalos.* São Paulo: Boitempo, 2001.

*Laeticia Jensen Eble**

*“Cada qual vê o que quer, pode ou consegue enxergar.
Porque eu sou do tamanho do que vejo
e não do tamanho da minha altura.”*

(Fernando Pessoa, *Tudo são maneiras de ver*)

Quando escrevemos sobre nós mesmos estamos construindo um olhar sobre nós, fazemos escolhas (protegemo-nos, censuramo-nos, ocultamos dados negativos, etc) do que será dito em função de como queremos que os outros nos vejam, a imagem que queremos que tenham de nós. Esse olhar, portanto, não é “inocente”.

Quando escrevemos sobre o outro, os olhares se diversificam, construímos a nossa visão sobre o outro com a parcialidade com que o vemos, aliada à intenção que queremos incutir na imagem que dele fazemos ao receptor (leitor). O receptor por sua vez apreenderá a imagem do outro primeiramente buscando a partir de seu próprio imaginário, e em seguida sujeito a novas construções a partir da interpretação da imagem que lhe entregamos. Porém, e em função disso, esses olhares (o universo ficcional), nunca alcançarão a dimensão do objeto real. Segundo Barthes¹, o real é “*uma ordem pluridimensional*” e a linguagem (literatura), é “*uma ordem unidimensional*”. Para ele, a literatura é realista na medida em que sempre tem o real por objeto de desejo; e é obstinadamente irrealista por acreditar sensato o desejo do impossível. “*A (segunda) força da literatura, é sua força de representação. Desde os tempos antigos até as tentativas de vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. O Que? Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura.*”

É levando em conta tais considerações que pretendo discutir a questão do olhar sobre o outro na obra de Luiz Ruffato, *Eles eram muito cavalos*. A meu ver, é uma obra rica de olhares, na medida em que os multiplica tanto no ato da escrita quanto no ato da leitura. Olhares que,

sendo nada neutros, são impregnados de sentido quer pela linguagem, quer pela presença dos elementos paraliterários, que participam na obra de maneira relevante. Esses elementos funcionam como verdadeiros signos ideológicos que refletem a realidade (são fragmentos materiais dessa realidade), na medida em que estão orientados para o exterior, embebidos de um contexto e povoando a consciência dos indivíduos (adivinha-se a posição social de um sujeito como o do fragmento 4 pelas referências: “*O Neon vaga veloz sobre o asfalto*”, “*calça e camisa Giorgio Armani*”, “*Rolex de ouro*”²). São elementos que quando nomeados remetem a todo um universo sócio-cultural que gira em torno deles, configurando assim uma classe social (por ex., a classe média, no fragmento 8: “*mania dela demorar-se entre as gôndolas calculadora somando e subtraindo e multiplicando e dividindo até tropicalizar nos números*”³ ou a condição de miséria retratada no fragmento 13: “*até onde a vista alcança, observa as escandalosas casas de tijolos à mostra, esqueletos de colunas, lajes por acabar, pipas singrando o céu cinza, fedor de esgoto*”⁴).

Assim, visto que o horizonte semântico ampliou-se até incluir a ordem social, o objeto da análise deixa de ser apenas um texto (ou textos, no caso de Ruffato, narrativas fragmentadas) e passa a reconstruir os discursos coletivos de classe dos quais o texto é expressão individual, constitui-se em um ideograma. E ampliando-se esse raciocínio sob uma ótica marxista, revela o confronto de interesses sociais, a luta de classes, pois “o próprio conteúdo de uma ideologia de classe é relacional, no sentido de que seus “valores” sempre se posicionam em relação à classe oponente, e se definem em oposição a ela.”⁵ Nesse sentido, na exposição confrontada de diferentes realidades, o texto de Ruffato revela-se dialógico em sua estrutura.

A alternância e a duplicidade dos discursos que aparecem intercalados destrói o aparente equilíbrio, mostra a ausência de justiça, de solidariedade, que seria esperado num estado ideal nas relações humanas e sociais. A confrontação dos mundos na obra e com o próprio mundo do leitor permitem ver as falhas que se tornam perturbadoras.

O discurso escrito tem por função representar uma argumentação, as idéias aparecem em diferentes planos conforme a posição que autor deseja lhes dar. O texto escrito, ao oferecer recursos (gráficos) de ordenação das idéias, manifesta o imaginário do pensamento, e passa a ser um espaço em que o “sujeito é levado a se situar, a se marcar, a se definir intelectualmente, o que quer dizer politicamente”.⁶ É em função desse argumento pretendido que os personagens são representados e que se constroem as cenas e todo o contexto ideológico que os condicionam. É a

partir do Outro representado que o autor (bem como o leitor) reconhece a sua própria visão de mundo.

Cada atividade humana retratada é um espelho da opressão da ideologia dominante sobre seus sujeitos, destruindo as relações sociais, corrompendo os indivíduos, produzindo a injustiça social, o sofrimento, etc. Tudo é permeado por ela, dos diálogos aos classificados de jornal, e Ruffato astuciosamente nos faz enxergá-la. A abstração racionalista transforma o corpo e a cabeça de cada indivíduo em mão-de-obra sem nome nem rosto que pode ser substituída a qualquer hora, Ruffato, em contestação a essa aspereza da realidade, singulariza seus personagens. A resistência à alienação se faz pela obra por um trabalho subterrâneo de conscientização do leitor.

Para privilegiar essa intenção de conscientização, o autor sai do lugar-comum, abandona as formas convencionais do gênero romanesco mercantilizado e produz uma narrativa inusitada, recortada, sem enredo, mas extremamente coesa nos seus objetivos. A própria mistura de gêneros, presente na obra de Luiz Ruffato, pluriestilística, contribui para o plurilingüismo sob o qual se escondem as intenções do autor. Nenhum dos diferentes gêneros (literários e não-literários) introduzidos no texto encontra-se ali por acaso, vazio de significado. A escolha de cada gênero explica-se em conformidade com o argumento proposto, é complementar aos personagens, aos diálogos, aos objetos narrados. É muito significativo um fragmento como o 18, *Na ponta do dedo*, em que simulando os classificados de jornal, Ruffato caracteriza um personagem virtual que estaria lendo os classificados procurando emprego, pois ao escolher estrategicamente o anúncio de “maçariqueiro” para se deter, ainda foi mais a fundo na caracterização do personagem quando destaca o anúncio em que consta “escolaridade não exigida”, configurando nosso personagem virtual numa escala social bem inferior.

Consideramos a obra como uma carta-imagem endereçada ao leitor. É a representação de diferentes situações que se passam ficcionalmente na cidade de São Paulo, em 9 de maio de 2000, como deixa claro ao começar pelo “Cabeçalho”. Como em qualquer carta, o autor entrega uma informação e espera por uma resposta do seu interlocutor/leitor. *Eles eram muito cavalos* é um texto que se completa pela leitura, pela relação entre o texto e o universo do leitor. A informação que nos entrega são justamente elementos carregados de significação, olhares sobre pessoas, fatos, situações, coisas do dia-a-dia. A resposta que espera é a transmutação do olhar do leitor, a clarificação, ou seja, produzindo um efeito catártico, em que o leitor identifica-se diante dos sentimentos expostos em situações limites, espera fazer o leitor “enxergar” o que antes não via.

Enfim, o que temos em *Eles eram muito cavalos* é a construção mútua de olhares: o autor atuando sobre o olhar do leitor e o leitor atuando com seu olhar para construir o olhar que emerge do texto; o autor querendo lançar e duplicar seu olhar carregado de intenção solidária sobre seus sujeitos, mas para isso se valendo dos próprios pré-conceitos do receptor, das imagens pré-concebidas pelo leitor, para então numa construção conjunta, obter a reflexão desejada.

Notas

* Aluna de graduação em Letras/Português na Universidade de Brasília, pesquisadora bolsista do CNPq, integrante do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea - laeticia@brturbo.com

¹ BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, s/d, (p. 22, 23).

² RUFFATO, Luiz. *Eles eram muito cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001 (P. 11/12).

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ JAMESON, Frederic. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ed. Ática, 1992 (p. 76/77)

⁶ BARTHES, Roland. *Do ato da fala ao ato da escrita*. In: *Revista Tempo Brasileiro* nº 41: *O texto, a leitura*.

Bibliografia:

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, s/d, (p. 22, 23).

_____. *Do ato da fala ao ato da escrita*. In: *Revista Tempo Brasileiro* nº 41: *O texto, a leitura*.

JAMESON, Frederic. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muito cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001.